

## REFLEXÕES EM TORNO DE IDEOLOGIA E RESISTÊNCIA

---

Inês Skrepetz

Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná- UFPR, é pesquisadora de Literatura Hispano e Estudos da América Latina, bolsista da CAPES (2010). Faz parte ainda do Grupo de Pesquisa Interfaces e Estudos Culturais da UFPR.

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é realizar uma reflexão sobre Ideologia e Resistência na contemporaneidade, a partir de pensadores atuais que discutem a questão e propõem práxis críticas e humanas, atitudes e modos alternativos de ver, pensar, agir, transformar, etc., o cotidiano e a vida em sociedade em prol de sistemas e poderes mais justos e solidários para a América Latina.

**Palavras-chave:** Ideologia; Resistência; América Latina

### **Resumen**

El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre la ideología y resistencia en la contemporaneidad, desde pensadores actuales que discuten la cuestión y proponen praxis críticas y humanas, actitudes y formas alternativas de ver, pensar, actuar, transformar, etc., lo cotidiano y la vida en sociedad a favor de sistemas y poderes más justos y solidarios en la América Latina.

**Palabras clave:** Ideología; Resistencia; América Latina

### **Abstract**

The aim of this paper is make a reflect on Ideology and Resistance in the contemporary, from thinkers who discuss current and proposed critical praxis and human attitudes and alternative ways of seeing, thinking, acting, process, etc., the daily life and life in society in favor of a more just, united and solidary power and systems for Latin American.

**Keywords:** Ideology; Resistance; Latin American

Nesse momento histórico, social e cultural, percebemos a atualidade e agudeza das palavras de Drummond: “[...] este é tempo de partido, tempo de homens partidos.” Num momento em que há certo esvaziamento de sentido, não somente das palavras, mas também da vida e do ser humano, cabe-nos, então, refletir e reavaliar as nossas dúvidas e convicções. Esse é o primeiro convite que o autor argentino Ernesto Sabato faz ao escrever a sua primeira carta da obra *A Resistência*. Como ele mesmo explicita no fragmento: “Peço a vocês para que paremos para pensar na grandeza que ainda podemos pretender se ou-sarmos avaliar a vida de outra maneira.” (SABATO, 2008, p.13).

O convite de Sabato para a ousadia de se avaliar a vida de outro jeito, a partir de uma visão mais aguçada sobre a realidade, demonstra a sua lucidez e resistência diante de ideologias dominantes que não reconhecem, tantas vezes, o ser humano e os valores que o constitui. Nessa reflexão, é importante ressaltarmos o verbo *re-conhecer* (retornar a conhecer), como se os sistemas ideológicos engeceados estivessem desconhecendo a própria face humana. Com a visão distorcida, e conspirações desvairadas, as ideologias que predominam buscam, muitas vezes, homogeneizar o pensamento, impossibilitando ao ser construir a ideia de si e do outro, da face, como expressão do que é e do que nos qualifica como humanos: “Esta crise não é a crise do sistema capitalista, como muitos imaginam: é a crise de toda uma concepção do mundo e da vida baseada na idolatria da técnica e na exploração do homem.” (SABATO, 2008, p. 71).

A partir da reflexão do autor sobre a concepção do mundo e da vida em crise, fundamentada na “idolatria da técnica” e na “exploração do homem”, torna-se relevante pensar que ele não está defendendo o capitalismo como um sistema inocente. A partir de uma análise mais ampla, busca discutir outros fatores que convergiram para a edificação desse sistema, que o leva a concluir como sendo resultado de décadas e séculos de exploração que se estendeu pelo mundo todo, principalmente na América Latina:

As crenças e o pensamento, os recursos e as invenções foram postos a serviço da conquista. Colonialismos e impérios de todos os tipos, por meio de lutas sangrentas, pulverizaram tradições inteiras e profanaram valores milenares, primeiro coisificando a natureza, depois os próprios desejos dos seres humanos. (SABATO, 2008, p.71).

Sabato percebe a realidade atual não apenas como geradora de desumanizações, mas também a vê como vítima de uma avalanche, e terremoto, das contradições e percalços do passado, em que: “[...] em meio ao caos, cada um tenta saquear o que pode.” (SABATO, 2008, p.77). Considera, assim, as crenças e o pensamento da contemporaneidade como simbólicos tentáculos de uma concepção do ser e do mundo que foi concebida nas profundezas da existência histórica, social e cultural da humanidade. Dessa forma, entendemos ser de fundamental importância discutir um pouco a cerca do termo *ideologia*. Para

isso, é relevante esclarecer que a nossa intenção não pousa no intuito de esgotar as diversas interpretações e críticas que constituem, delimitam, esvaziam e mascaram o conceito. Isso é, buscaremos delinear, ou nas palavras de Zizek (2008), ir em busca de uma tentativa de mapear esse termo que é um dos mais amplos e variados a que se pode ter acesso. Zizek denomina o conceito de *ideologia* como *multifacial*, em que, até o momento presente, não se chegou a uma definição fechada e, até certo ponto, delimitada do mesmo, que fosse capaz de abranger toda a sua riqueza de significações.

Assim, as faces do conceito vão se constituindo, tornando-se muito mais do que ideias concebidas por meio dos sentidos em relação ao mundo sensível, em seu estado “neutro”, mas acima de tudo por seu caráter ideo-social. Essa configuração mais ampla do termo é que levou Marx, em sua obra *Ideologia Alemã*, a considerar o termo *ideologia* como “mistificação da realidade”. Apesar de atualmente muitos pensadores, até mesmo marxistas, como Mészáros, não considerarem o conceito de ideologia apenas como “ilusão e ficcionalização da realidade”, não podemos tirar o mérito de Marx em ter sido praticamente o pioneiro em denunciar as máscaras desse conceito multifacetado. Por isso, é que a filósofa Marilena Chauí (1990) coloca que não há ideologias verdadeiras e ideologias falsas no sentido restrito de cada afirmação. Como destaca Bauman (2002), se a realidade é uma mistura de real e fantasia, a ideologia também carregará essa dualidade. Dada dessa forma como a impossibilidade humana de tocar o “verdadeiro real”, porque o que entendemos ser o real não deixa de ser, também, um pouco de experiência, análise e criação.

Bosi (2010) nos alerta para que não caiamos numa banalização relativista, num ceticismo estéril e sem saída, em que “tudo é ideologia” no sentido de um ponto de vista falso negando outra falsidade. Até porque, se pensarmos dessa maneira a ideologia e a contraideologia seria uma eterna negação de termos ficcionalizados sem objetivos concretos.

Todo e qualquer discurso manifestado pelo sujeito sofre influências ideológicas do autor em si, do interlocutor e, principalmente, do contexto discursivo em que se encontra, há uma contínua interação dialógica. Como enfatiza Bakhtin (2000), não há como desvincular linguagem e sociedade, pois, se todo signo é ideológico, a ideologia é uma manifestação das estruturas sociais. Assim, sendo a enunciação uma réplica do diálogo social, ela também é compreendida como realidade da língua e estrutura sócio-ideológica: “Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social.” (YAGUELLO *in* BAKHTIN, 2004, p.16).

Conforme Bakhtin (2004), a língua é a expressão das relações e lutas sociais, uma arena de conflitos e tensões, onde os indivíduos se confrontam aos valores sociais contraditórios. Dessa forma: “A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder, etc.” (YAGUELLO *in* BAKHTIN, 2004, p.14).

A complexidade do ser dependerá intimamente dos seus conflitos dentro de estruturas fortemente determinadas, levando-o não apenas a espelhá-las, mas também a resisti-las. Nesse momento, surge para a discussão, o que, nas palavras de Bosi, configura a ideologia e contra-ideologia. Numa entrevista à *Carta Capital*, Bosi esclarece, de maneira mais objetiva, a distinção que ele faz dos termos:

Ambas se articulam como um conjunto de ideias e valores. A diferença é que a ideologia generaliza interesses particulares e os dá como se fossem universais. Por exemplo, a ideologia da competitividade corresponde à luta econômica que a burguesia trava nos meios do poder financeiro e industrial. Mas os ideólogos do capitalismo procuram demonstrar que a competição é uma necessidade universal, até fundada na biologia, em Darwin. Para convencer os seus destinatários retoricamente, já que se trata de uma arte de persuadir, os ideólogos criam um discurso justificador universal para esconder seus interesses. (BOSI, 04/06/2010).

Na colocação de Bosi, percebemos, mesmo que de forma implícita, confluem algumas vertentes de pensamento das quais já tratamos anteriormente. Em outras palavras, a *ideologia* enquanto “mistificação da realidade”, instrumento persuasivo, jogo de interesses e intenções, manipulação do poder por meio de uma classe hegemônica, etc. Isso nos leva a concordar com Eagleton (1997), em que a palavra ideologia “é um texto”, “um tecido com uma trama de diferentes fios conceituais”. Como a tecelagem nem sempre é realizada de maneira a concordar os diferentes fios, Bauman (2001) cria a metáfora da *modernidade líquida* que o leva a constatar que os tecidos que constituem a sociedade atual estão esgarçados. A existência se torna leve e as relações se liquificam, sendo um sintoma causado pelo exacerbado individualismo, em que os interesses e intenções de poucos prevalecem como universais, de uma forma tórrida, sobre o bem comum. Assim, juntamente com essa reflexão, retomamos o pensamento de Bosi em que ele prossegue focando principalmente o discurso escrito, bem como a posição do escritor-intelectual nessa “arena de conflitos”:

Os editoriais dos grandes jornais e das revistas de grandíssimas tiragens são peças ideológicas perfeitas. No caso da contraideologia, a intenção é o bem comum. O escritor contraideológico, que combate a ideologia da competitividade, por exemplo, procura demonstrar que ao lado do que seria o instinto competitivo existe uma tendência solidária. O discurso contraideológico visa ao bem comum, não particulariza interesses. (BOSI, 04/06/2010).

Nesse sentido, por mais que o discurso contraideológico esteja fundamentado, também, em princípios ideológicos, pois, conforme Mészáros (2010), em sua obra *O poder da ideologia*, nenhuma análise é radicalmente neutra em relação ao seu objeto e à realidade, mesmo assim, o discurso contraideológico se opõe como um *discurso de resistência* em relação às realidades forjadas em princípios que visam somente os interesses particulares de determinadas classes, instituições, bem como de determinados meios de comunica-

ção. Com ênfase os meios midiáticos, pois esses atingem de uma forma mais abrangente a maioria dos indivíduos de uma determinada sociedade. Assim, o escritor, o indivíduo contraideológico possui uma visão aguçada sobre a realidade, que lhe permite visualizar e perceber mais intensamente as contradições da mesma: o conflito de ideologias. Conforme Bosi (2010), ao mesmo tempo em que o escritor/indivíduo combate as ideologias que predominam, tidas como universais, mas que se restringem a interesses, intenções, dentro de um pensamento individualista e hegemônico, ele também procura mostrar que ao lado do que seria o instinto competitivo, por exemplo, existe uma orientação solidária. Por isso, Sabato, em sua quarta carta da obra *A Resistência*, dentro do pensamento de escritor-intelectual comprometido, enfatiza a importância de resistir:

Devemos exigir que os governos dirijam todas suas energias para que o poder adquira a forma da solidariedade, para que promova e estimule os atos livres, pondo-se a serviço do bem comum, nunca entendido como uma forma de egoísmos individuais, mas como o supremo bem de uma comunidade. Devemos fazer surgir, até com veemência, um modo de conviver e de pensar que respeite até as mais profundas diferenças. (SABATO, 2008. p.72).

Mészáros discute que a ideologia não é uma mera “mistificação da realidade”: “[...] a ideologia não é ilusão nem superstição de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada”, como também coloca Chauí (1981), ela não é somente verdadeira ou totalmente falsa. Pois, seguindo o pensamento de Mészáros, ela: “[...] afeta tanto os que desejam negar a sua existência quanto aqueles que reconhecem abertamente os interesses e os valores intrínsecos das várias “ideologias””. Por isso o autor fala justamente sobre *O poder da ideologia*, que não podemos negar e nem neutralizar, pois, ela afeta e se encarna no cotidiano, nas relações e interações dos seres humanos. Assim, Mészáros apresenta a importância da dialética como *práxis* reflexiva e crítica.

Dessa forma, o que conflui para o entendimento sobre ideologia, por meio dos autores apresentados, é que todos enfatizam a importância da consciência dos valores e fios conceituais que tecem a sua trama, o seu tecido. Se não houver consciência de como se realiza a sua tecelagem, não haverá possibilidade de resistir. Como evidencia Zizek (2009), não basta saber que as ideologias existem, é necessário que se investigue, em sua concepção multifacial, como elas funcionam. Na obra *Um mapa da ideologia*, o pensador esloveno utiliza a imagem simbólica da águia, que realiza seus pousos na realidade, interage, mas também realiza seus voos sobre a mesma para que a sua visão possa ser mais ampla e aguçada. Assim, ressalta-se a necessidade de conhecer melhor as diversas realidades para que, conforme Sabato (2008), seja possível (re) conhecer o lugar em que cada um é chamado a opor resistência e, então, sejam “criados espaços de liberdade capazes de *abrir horizontes* antes inesperados”. Sabato segue, inspirado em Camus, que se trata de saber se nossos *sacrifícios*, são estéreis ou fecundos, pois: “Como homens livres num campo de prisioneiros, nossa missão é trabalhar em benefício deles, de todas as formas a nosso alcance.” (SABATO, 2008, p.73).

Para Sabato, a visão ampla e aguçada não basta apenas para que se tenha consciência das múltiplas realidades. Mas, ao propor que a *resistência* seja encarnada, ele se preocupa com o ser humano concreto, a realidade que de alguma forma, ou de outra, em suas palavras, lhe dói. Assim, ele convoca os seres humanos livres para que atuem nos campos de prisioneiros formados na atualidade, para que se posicionem criticamente diante das ideologias predominantes e desumanizadoras, provocando a consciência crítica e humana dos demais que se encontram atados a “nós inextrincáveis” em seus contextos. Por isso a sua esperança pousa na consciência solidária para que a competitividade, as relações desumanas e os interesses particulares das classes dominantes, entre outros desatinos, não prevaleçam como verdades universais, impregnadas nas crenças e na vida cotidiana do ser humano em suas múltiplas interações: “Essa é uma grande tarefa para quem trabalha no rádio, na televisão, ou escreve nos jornais; uma verdadeira proeza, possível de realizar quando é autêntica a dor que sentimos pelo sofrimento alheio.” (SABATO, 2008, p.73).

A convocação de Sabato além de se dirigir, principalmente, para quem trabalha nos meios midiáticos, também se estende para todos. Somente a partir da consciência crítica de cada um é que a situação catastrófica da atualidade, como o autor coloca, poderá ser revertida. A resistência diante de ideologias massificadoras somente será concretizada se “ousarmos avaliar a vida de outra maneira”, por outra ótica, de um ponto de vista mais amplo, a partir de miradores críticos, sem confundir-se com miragens. Para isso é necessário um espírito crítico e criador, porque nesse momento, recordando as palavras do poeta Fernando Pessoa: “Criar é preciso”. Para Sabato, criar e recriar novas perspectivas no caos da atualidade é necessário, porque viver apenas as ideologias vigentes que predominam e determinam o nosso modo de viver, pensar, agir e ver o mundo não basta: “O “salve-se quem puder” não é apenas imoral, mas insuficiente.” (SABATO, 2008, p.71). Se as palavras já não significam o que dizem, se tanto elas como o ser se encontram, muitas vezes, vazios de sentidos, torna-se relevante a reflexão conclusiva de Bakhtin, fundamentada em Lork, em relação aos únicos caminhos possíveis para a renovação da palavra ideológica: “[...] a palavra com seu tema intacto, a palavra penetrada por uma apreciação social segura e categórica, a palavra que realmente significa e é responsável por aquilo que diz.” (BAKHTIN, 2004, p.196). Dessa forma, sendo a palavra, a língua, ou melhor, a linguagem a matéria-prima do escritor, do comunicador, enfim, dos discursos cotidianos, cabe a todos a consciência de utilizá-la com responsabilidade, transformando-a em instrumento de libertação. Para Mészáros, o poder que concentra a ideologia possibilita que ela sirva para ambos os lados, por isso, ele se opõe, radicalmente, ao costume de considerá-la apenas como obstáculo, mas enfatiza que ela também coopera para a autonomia e emancipação do indivíduo. Nesse sentido, se a língua é sempre ideológica, e se nós somos constituídos pela linguagem, nos cabe ter consciência que ela é perpassada por vários fios ideológicos. Assim, é na interação contínua que construímos o nosso ponto de vista, a nossa visão sobre o mundo, bem como a nossa voz perante e em meio dele: “[...] não estou cantando só, cantamos todos

nós, mas cada um nasceu com a sua voz, pra dizer, pra falar, de forma diferente o que todo mundo sente.” (SEIXAS, 2010).

Desse modo, não há como negar radicalmente as ideologias, pois já nascemos inundados nelas. Essa é uma prova de que nada é natural ao ser humano, mas cultural. Por isso, é por meio da cultura e resistência, de uma educação consciente e crítica, ideológica e contraideológica, pois não há como subverter tudo, que a emancipação e autonomia do indivíduo serão concretizadas, gerando a conscientização cultural, histórica, política e social que confluirá para uma consciência mais crítica e humana. Ter acesso e conhecimento das ideologias dominantes permite a consciência das mesmas, para que então se possa resistir e angariar mudanças, reformas e transformações. Nesse impasse, elas não se tornarão sempre implacáveis obstáculos, mas um meio de se pensar como elas se constituem e funcionam, para que se possa encontrar a melhor forma de se opor a elas e, então, criar espaços para ousar a solidariedade humana, fugindo de uma consciência meramente populista que gera a acomodação de muitos, até porque só é possível resistir com conhecimento: “[...] ninguém educa/liberta ninguém, ninguém se educa/liberta sozinho, nós nos educamos/libertamos em comunhão.” (FREIRE, 2002, p.52).

Nessa perspectiva, a ideologia que sempre é tratada como senso comum, e tida como verdade aceita porque “todo mundo diz e pensa”, acabará se tornando um palco de conflitos, bombardeada por interrogações sobre os elementos do cotidiano e da existência: o que é? Por que é? Como é? Mas, também, ao mesmo tempo, um palco de acordos, visando não apenas interesses particulares e sim buscando o bem comum. O ser humano se distancia da realidade para colocá-la em crise e, ao se inserir na mesma, mune-se de antídotos e alternativas para transformá-la. Essa postura não se expande somente ao nível geral da sociedade, mas se volta, também, à questão do que cada um pode realizar no seu cotidiano, em outras palavras, partindo da transformação na escala individual para atingir a coletiva. Nesse embate se constituirá a atitude e o pensamento crítico, possibilitando uma visão mais aguçada, livre, inconformada e comprometida sobre, e com, a realidade humana. Princípios básicos para que, nas palavras de Sabato, a *resistência* possa ser encarnada também em prol do compromisso de libertação da América Latina.

**Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSI, A. *Ideologia e Contraideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Preces de resistência*. In: *Carta Capital – Entrevistas*. Disponível em: <http://write4.net/1tb>. Acesso: 05/07/2010.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista ao Jornal da USP*. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003>. Acesso: 18/04/2010.
- CHAUÍ, M. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- EAGLETON, T. *Ideologia*. São Paulo: Edunesp: Boitempo Editorial, 1997.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- MÉSZÁROS, I. *O Poder da ideologia*. São Paulo: Ensaio, 2010.
- SABATO, E. *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SEIXAS, R. *Ave Maria da Rua*. Disponível em: <http://www.lettras.terra.com.br>. Acesso: 08/07/2010.
- ZIZEK, S. *Entrevistas*. In: *Discurso crítico da ideologia*. Disponível em: <http://rochasousa.blogspot.com>. Acesso: 09/07/2010.
- \_\_\_\_\_. Palestra sobre ideologia na UFRJ. <<http://www.forum.ufrj.br>>. Acesso: 05/07/2010.
- \_\_\_\_\_. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.